

# cidade perdida

clive cussler e paul kemprecos

Tradução de Renato Carreira



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

## Prólogo



ALPES FRANCESES, AGOSTO DE 1914

MUITO ACIMA DOS CUMES COBERTOS DE NEVE DAS MONTANHAS IMPONENTES, Jules Fauchard lutava pela vida. Minutos antes, o seu avião embatera contra uma parede de ar invisível com tamanha força que lhe fez vibrar os dentes. A aeronave ligeira era agora impelida por ventos ascendentes e descendentes como se fosse um papagaio de papel. Fauchard enfrentava a turbulência violenta com a perícia que aprendera com os seus severos instrutores de voo franceses. Conseguiu ultrapassar a agitação, planando suavemente, sem saber que isso quase significaria o seu fim.

Conseguindo estabilizar o avião, cedeu ao mais natural dos impulsos humanos. Permitiu que os olhos cansados se fechassem. As pálpebras tornaram-se pesadas e uniram-se como se fossem de chumbo. A mente deambulou-lhe até um estado enevoado e despreocupado. O queixo caiu-lhe sobre o peito. Os dedos inertes descontraíram o aperto sobre o manípulo de controlo. O pequeno avião vermelho agitou-se desgovernado naquilo a que os pilotos franceses chamavam *perte de vitesse*, perda de velocidade, virando-se sobre uma asa, prestes a iniciar uma queda rodopiante em direção ao solo.

Felizmente, o seu ouvido interno detetou a alteração no equilíbrio, fazendo soar alarmes no cérebro adormecido. Despertou de repente, atordado e esforçando-se para pôr ordem nos pensamentos. Adormecera apenas durante poucos segundos mas, nesse período, o avião perdera centenas

de pés de altitude e estava quase a cair a pique. A pressão na cabeça era atroz. O seu coração batia num ritmo selvático como se lhe fosse explodir no peito.

As escolas de pilotagem francesas ensinavam os seus alunos a pilotar um avião com o mesmo toque leve que um pianista aplica sobre as teclas, e as horas intermináveis de treino de Fauchard provavam agora a sua utilidade. Segurando os controlos com delicadeza, certificou-se de não exagerar na recuperação de altitude e conseguiu voltar a nivelar o avião. Satisfeito, libertou o ar que tinha mantido aprisionado, com o frio glacial a atingir-lhe os pulmões como estilhaços de vidro.

A dor intensa arrancou-o à letargia. Completamente desperto, invocou o mantra que lhe suportara a força de vontade durante a missão desesperada. Os lábios enregelados recusaram-se a pronunciar as sílabas, mas as palavras ecoavam-lhe no cérebro.

*Falha e milhões morrerão.*

Cerrou os dentes com determinação renovada. Limpou o gelo dos óculos e espreitou por cima do visor do *cockpit*. O ar dos Alpes era límpido como cristal fino e até os pormenores mais distantes se destacavam com uma nitidez impressionante. Cordilheiras de picos aguçados estendiam-se pelo horizonte e aldeias em miniatura dependuravam-se das encostas dos vales verdejantes. Nuvens brancas e macias empilhavam-se como fardos de algodão acabado de colher. O céu era luminoso na sua intensidade azul. A neve de verão sobre os cumes era banhada por tonalidades azuis e rosadas do Sol poente.

Deixou os olhos vermelhos absorverem a beleza magnificente, tentando ouvir o ruído produzido pelo motor alemão de oitenta cavalos que propelia o avião *Morane-Saulnier N*. Tudo estava bem. A sua sesta quase fatal não provocara quaisquer alterações. Tranquilizou-se, mas aquele incidente potencialmente grave abalara-lhe a autoestima. Percebeu, para seu espanto, que sentira uma emoção que não lhe era familiar. Medo. Não da morte, mas do fracasso. Apesar da sua vontade de ferro, os músculos doridos recordavam-lhe que era um homem de carne e osso como qualquer outro.

O *cockpit* aberto permitia pouca amplitude de movimentos. Vestia um casaco de cabedal forrado com pelo, sobre uma camisola de lã, uma segunda camisola de gola alta e muita roupa interior. Um cachecol de lã protegia-lhe o pescoço e um capacete de couro cobria-lhe a cabeça e as orelhas, com as mãos dentro de luvas de cabedal. Nos pés tinha botas de montanha do melhor cabedal. Apesar de estar vestido para condições polares, o frio

gélido penetrara-lhe até aos ossos e entorpecera-lhe os sentidos. Era uma evolução perigosa. O *Morane-Saulnier* era difícil de pilotar e exigia a máxima concentração.

Enfrentando a fadiga crescente, Fauchard tentou manter a sua sanidade com a teimosia que o tornara um dos barões da indústria mais ricos do mundo. A determinação inabalável continuava a estar presente nos seus olhos cinzentos e no ângulo áspero do queixo. Com o longo nariz romano, o seu perfil assemelhava-se ao das águias cujas cabeças decoravam o brasão da família na cauda do avião.

Forçou os lábios dormentes a moverem-se.

*Falha e milhões morrerão.*

A voz autoritária que inspirara medo nos salões do poder da Europa emergia-lhe agora da garganta como um gemido patético abafado pelo rugir do motor e pela passagem de ar sobre a fuselagem, mas decidiu que merecia uma recompensa. Estendeu a mão para o cimo da bota e retirou uma pequena garrafa de metal prateado. Desenroscou a tampa com dificuldade devido à espessura das luvas e bebeu um gole. A aguardente de graduação elevada destilada a partir de uvas da sua propriedade era quase álcool puro. Sentiu o calor percorrer-lhe o corpo.

Revitalizado, abanou-se, movimentou os dedos dos pés e das mãos e fez subir e descer os ombros. Enquanto o sangue lhe regressava às extremidades do corpo, pensou no chocolate quente suíço e no pão quente com queijo derretido que o aguardavam do outro lado das montanhas. Os lábios grossos por baixo do bigode espesso curvaram-se num sorriso irónico. Era um dos homens mais ricos do mundo e, mesmo assim, entusiasmava-se com uma refeição de lavrador. Nada a fazer.

Fauchard permitiu-se um momento de congratulação. Era um homem meticoloso e o seu plano de fuga tinha corrido sem falhas. A família pusera-o sob vigilância depois de ele tornar claras as suas opiniões indesejadas perante o conselho. Mas, enquanto o conselho ponderava o seu destino, escapara aos vigias com manobras de diversão combinadas com sorte pura.

Fingiu ter bebido de mais e disse ao mordomo, pago pela família, que se ia deitar. Quando tudo estava em silêncio, deixou o quarto sem fazer ruído, saiu do castelo e encaminhou-se para uma bicicleta escondida na floresta. Transportando a carga preciosa numa mochila, pedalou através dos campos até ao aeródromo. O seu avião estava abastecido e pronto para descolar. Levantara voo à luz da alvorada, parando por duas vezes em

pontos remotos onde os seus empregados mais fiéis tinham armazenado combustível.

Esvaziou a garrafa e olhou para a bússola e para o relógio. Estava no rumo certo e com um atraso de apenas alguns minutos. Os picos mais baixos à sua frente indicavam que se aproximava do fim da longa viagem. Em breve faria a aproximação final a Zurique.

Pensava no que diria ao emissário papal quando lhe pareceu que um bando de aves sobressaltadas tinha levantado voo da asa direita. Olhou nessa direção e percebeu, desolado, que as aves eram na realidade pedaços de tecido desprendidos da estrutura, abrindo um buraco de vários centímetros. Havia apenas uma explicação possível. A asa fora atingida por tiros e o ruído do motor abafara os disparos.

Reagindo de forma instintiva, guinou à esquerda, depois à direita, rodopiando e mudando de direção como uma andorinha. Depois de percorrer os céus com o olhar, conseguiu ver seis biplanos voando em V abaixo dele. Com uma calma invejável, desligou o motor como se pretendesse planar até ao chão numa aterragem sem impulso mecânico.

O *Morane-Saulnier* caiu como uma pedra.

Em circunstâncias comuns, tal manobra teria sido suicida, colocando-o na mira dos adversários. Mas Fauchard reconheceu os aviões atacantes como sendo *Aviatik*. O avião alemão de conceção francesa tinha um motor *Mercedes* de linha única e fora originalmente construído para voos de reconhecimento. Além disso, o pormenor mais importante: a metralhadora montada à frente do artilheiro podia disparar apenas para cima.

Após cair algumas dezenas de metros, ajustou gentilmente o manípulo e o seu avião aproximou-se da formação dos *Aviatik* por trás.

Alinhou o nariz com o *Aviatik* mais próximo e premiu o gatilho. A metralhadora *Hotchkiss* rugiu, projetando balas em direção à cauda do alvo. Viu-se fumo e, logo a seguir, as chamas rodearam a fuselagem.

O avião atingido rodopiou em direção ao solo. Algumas rajadas bem aplicadas fizeram cair mais um com a facilidade de um caçador a abater faisões domésticos.

Fauchard atingiu os alvos com tamanha rapidez que os outros pilotos não perceberam estar sob ataque até verem os rastos de fumo negro dos aviões em queda. A formação começou a desfazer-se.

O ataque foi suspenso. Os alvos tinham sido dispersos e o elemento de surpresa já não estava do lado do perseguidor. Mudando de tática, fez subir

o *Morane-Saulnier* na vertical durante trezentos metros, penetrando numa nuvem ampla.

As paredes de névoa esconderam o avião de olhos inimigos e Fauchard pôde nivelar o voo e verificar os estragos. O tecido retirado à asa deixava à vista a estrutura de madeira. Praguejou em voz baixa. Esperava conseguir sair da nuvem e ganhar distância aos *Aviatik* com a potência superior da sua aeronave, mas a asa danificada iria retirar-lhe velocidade.

Incapaz de fugir, teria de ir à luta.

Estava em desvantagem numérica e com armamento inferior, mas pilotava um dos aviões mais notáveis da época. Planeado para corridas, o *Morane-Saulnier*, apesar de difícil de controlar, era incrivelmente ágil e reagia aos movimentos mais suaves. Numa era em que a maioria dos aviões tinha pelo menos dois pares de asas, este era um monoplano de asas médias. Do eixo em forma de bala da hélice até à cauda triangular iam apenas sete metros, mas era um mosquito mortífero, graças a um dispositivo que revolucionara a guerra aérea.

Saulnier criara um mecanismo de sincronização que permitia à metralhadora disparar por entre a hélice. No entanto, este sistema antecipara-se às metralhadoras existentes que produziam disparos erráticos e, visto que os tiros podiam fazer ricochete, havia peças de metal destinadas a proteger as pás da hélice de balas errantes.

Preparando-se para a batalha, Fauchard estendeu a mão para baixo do assento e os dedos tocaram o metal frio de um cofre. Junto ao cofre havia um saco de veludo roxo que puxou e colocou no colo. Controlando a trajetória do avião com os joelhos, retirou um elmo metálico de aspeto antigo do saco e passou os dedos pela superfície gravada. O metal era frio como gelo ao toque, mas parecia irradiar um calor que se espalhou por todo o seu corpo.

Colocou-o na cabeça. Assentava na perfeição sobre o capacete de couro e o equilíbrio era perfeito. O elmo era peculiar porque o visor tinha a forma de um rosto humano cujo nariz e bigode se assemelhavam aos de Fauchard. Como o visor lhe limitava a visão, ergueu-o acima da testa.

Raios de sol atravessavam a muralha de nuvens à medida que a sua cobertura se ia tornando mais ténue. Voou através dos lençóis vaporosos que delimitavam a nuvem e emergiu no céu limpo.

Os *Aviatik* voavam em círculos por baixo como um cardume de tubarões famintos em torno de um navio prestes a afundar. Avistaram o *Morane* e começaram a subir.

O líder mergulhou por baixo do avião de Fauchard e colocou-se à distância de fogo. Fauchard ajustou o cinto de segurança para se certificar de que estava firme e puxou o nariz do avião para cima, descrevendo um grande círculo. Ficou de cabeça para baixo no *cockpit*, dando graças ao instrutor francês que lhe ensinara aquela manobra evasiva. Completou o círculo e nivelou, colocando o avião atrás dos *Aviatik*. Abriu fogo para o mais próximo, mas este guinou e mergulhou a pique.

Fauchard manteve-se na cauda do avião, desfrutando da emoção de ser o caçador e não a presa. O *Aviatik* nivelou e virou à direita, tentando colocar-se abaixo dele. O avião mais pequeno não teve dificuldades em segui-lo.

A trajetória do *Aviatik* colocara-o na boca de um vale amplo. Com Fauchard a dar-lhe pouco espaço para manobrar, voou diretamente para o vale.

Poupando as munições com avareza, Fauchard disparou rajadas curtas com a *Hotchkiss*. O *Aviatik* rodopiou à esquerda e à direita e as balas passaram ao lado. Reduziu a altitude, tentando manter-se por baixo do perseguidor e da sua metralhadora mortífera. Novamente, Fauchard tentou alinhar-se para o disparo. Novamente, o *Aviatik* mergulhou.

Os aviões voavam sobre os campos a cento e sessenta quilómetros por hora, mantendo-se pouco mais de quinze metros acima do solo. Manadas de vacas aterrorizadas dispersaram-se como folhas sopradas pelo vento. O *Aviatik* rodopiante conseguiu manter-se fora da mira de Fauchard. As formas no solo contribuíam para o impedir de mirar em condições.

A paisagem era uma amálgama de pastos verdejantes e quintas arrumadas. As quintas tornavam-se cada vez mais próximas umas das outras e Fauchard conseguia ver os telhados de uma povoação mais à frente, onde o vale se estreitava.

O *Aviatik* seguia um rio que percorria o fundo do vale diretamente até ela. O piloto voava tão baixo que as suas rodas quase tocavam a água. Mais adiante, uma pitoresca ponte de pedra atravessava o rio no ponto onde este entrava pela povoação dentro.

O dedo de Fauchard apertava-se sobre o gatilho quando, por cima, uma sombra lhe interrompeu a concentração. Olhou e viu as rodas e a fuselagem de outro *Aviatik* pouco mais de quinze metros acima. Reduzia a altitude, tentando forçá-lo a descer. O *Aviatik* que perseguira começava a subir para evitar embater contra a ponte.

Peões que faziam a travessia viram o trio de aviões e corriam, tentando salvar as suas vidas. Um velho cavalo sonolento que puxava uma carroça

ergueu-se nas patas traseiras pela primeira vez em anos quando o *Aviatik* passou a poucos metros da cabeça do condutor.

O avião que tinha por cima baixou ainda mais para forçar Fauchard a ir de encontro à ponte mas, no momento derradeiro, puxou para si o manípulo de controlo e aumentou o fluxo de combustível. O *Morane-Saulnier* subiu e passou entre a ponte e o *Aviatik*. Houve uma explosão de feno quando a asa do avião atingiu a carga da carroça, mas Fauchard conseguiu manter a aeronave controlada, guiando-a sobre os telhados da cidade.

O avião que o perseguia subiu um segundo depois.

Tarde de mais.

Menos ágil do que o monoplano, o *Aviatik* embateu contra a ponte e explodiu numa bola de fogo. Igualmente lento a subir, o líder do grupo raspou pelo campanário de uma igreja, cuja cúpula aguçada lhe esventrou a fuselagem. Desfez-se no ar em inúmeros pedaços.

— Vai com Deus! — gritou Fauchard com voz rouca, mudando de direção e dirigindo-se para a saída do vale.

Surgiram duas manchas à distância. Moviam-se depressa na sua direção. Os últimos sobreviventes do esquadrão de *Aviatik*.

Fauchard voou de encontro aos aviões que se aproximavam com os lábios pressionados. Queria certificar-se de que a família saberia a sua opinião sobre as tentativas para o deter.

Estava suficientemente perto para ver os artilheiros nos *cockpits* da frente. O da esquerda apontou o que parecia um pau e ele viu um clarão luminoso.

Ouviu uma pancada seca e sentiu que alguém lhe tinha espetado um atizador em brasa nas costelas. Com um arrepio, percebeu que o artilheiro do *Aviatik* recorrera a uma tecnologia mais simples, mas também mais fiável: atingira Fauchard com um disparo de carabina.

Moveu sem querer o manípulo e as pernas esticaram-se num espasmo. Os dois aviões passaram por ele, um de cada lado. A mão sobre o manípulo perdeu as forças e o avião começou a vibrar. Sangue quente da ferida ensopava-lhe o assento. Sentia um sabor metálico na boca e dificilmente conseguia manter-se lúcido.

Tirou as luvas, desapertou o cinto de segurança e estendeu as mãos para baixo do assento. Os dedos sem forças rodearam a pega do cofre metálico. Colocou-o no colo, pegou na correia em V que percorria a pega e prendeu-a ao pulso.

Socorrendo-se das suas últimas forças, pôs-se de pé e debruçou-se



para o exterior do *cockpit*. Rebolando para fora da abertura, o seu corpo bateu na asa e projetou-se para longe.

Automaticamente, os dedos puxaram um cordel. A almofada em que estivera sentado abriu-se, libertando um paraquedas de seda.

Os seus olhos começavam a ser encobertos por uma cortina negra. Chegavam-lhe vislumbres de um lago azul e de um glaciar.

*Falhei.*

Atingia-o mais o choque do que a dor e sentia sobretudo tristeza e frustração profundas.

*Milhões morrerão.*

Cuspiu espuma sangrenta e perdeu os sentidos. Ficou pendurado das correias do paraquedas, um alvo fácil para um dos *Aviatik* que passava novamente por ele.

Não chegou a sentir a bala que furou o elmo e lhe penetrou o crânio.

Com o sol a refletir-se no metal que lhe cobria a cabeça, flutuou até as montanhas o acolherem no seu abraço.

# 1



## ILHAS ORKNEY, ESCÓCIA, PRESENTE

JODIE MICHAELSON ESPUMAVA DE RAIVA. ALGUM TEMPO ANTES, NA MESMA noite, ela e os três concorrentes que restavam do concurso televisivo *Abandonados* haviam sido forçados a caminhar com botas pesadas sobre uma corda grossa esticada ao longo de uma plataforma de pedras amontoadas com menos de um metro de altura. Alguém chamou ao número o “Julgamento Viquingue pelo Fogo”. Fileiras de archotes ardiavam de cada lado da corda, conferindo risco e intensidade dramática adicionais, apesar de as chamas estarem a quase dois metros de distância. As câmaras filmavam de um ângulo baixo, fazendo a prova parecer muito mais perigosa do que era na realidade.

Mais genuíno fora o modo como os produtores haviam conspirado para que os concorrentes chegassem quase a vias de facto.

*Abandonados* era a última encarnação dos *reality-shows* que prosperaram depois do sucesso de *Survivor* e *Fear Factor*. Consistia numa combinação acelerada de ambos os formatos, com as discussões acesas de *Jerry Springer* à mistura.

A fórmula era simples. Dez participantes tinham de ultrapassar uma série de testes ao longo de três semanas. Os que falhavam, ou eram expulsos pelos restantes através de votação, tinham de abandonar a ilha.

O vencedor receberia um milhão de dólares, com pontos de bónus pela sua capacidade de serem desagradáveis para os companheiros.

Considerava-se este programa ainda mais arriscado do que os seus antecessores e os produtores concebiam maneiras de intensificar a tensão. Se outros programas eram bastante competitivos, *Abandonados* era assumidamente combativo.

O formato baseava-se em parte no curso de sobrevivência da *Outward Bound* em que os participantes são forçados a viver com o que encontram na natureza. Ao contrário dos outros programas de sobrevivência que costumam ter como cenário ilhas tropicais com mares turquesa e palmeiras ondulando ao vento, *Abandonados* filmava-se nas Ilhas Orkney escocesas. Os concorrentes desembarcavam de uma réplica ridícula de um navio viquingue perante um público composto por aves marinhas.

A ilha tinha três quilómetros de comprimento e quilómetro e meio de largura. A paisagem era composta sobretudo por rochedos torturados por algum cataclismo de há milénios, fazendo-os assumir a forma de saliências e fissuras, com algumas árvores raquíticas espalhadas pelo terreno e uma praia de areia grossa onde decorria a maior parte da ação. O tempo era ameno, exceto à noite, e as tendas cobertas com peles eram suportáveis.

A ilhota rochosa era tão insignificante que os locais lhe chamavam “Ilha Minúscula”. Isto provocou uma troca de impressões hilariante entre o produtor, Sy Paris, e o seu assistente, Randy Andleman.

Paris entregava-se a um dos seus tradicionais ataques de verborreia. — Por amor de Deus. Não podemos filmar um programa de aventura num sítio chamado Ilha Minúscula. Temos de lhe chamar outra coisa qualquer. — O rosto iluminou-se-lhe. — Vamos chamar-lhe Ilha da Caveira.

— Não se parece com uma caveira — disse Andleman. — Parece um ovo estrelado que ficou tempo a mais na frigideira.

— É quase o mesmo — ripostou Paris antes de se afastar.

Jodie, que presenciara a conversa, conseguiu fazer Andleman sorrir ao dizer: — Acho que se parece bastante com a caveira de um produtor televisivo estúpido.

As provas resumiam-se ao tipo de desafios repugnantes (abrir caranguejos vivos e comê-los ou mergulhar num tanque cheio de enguias) que garantiam o vômito no espetador e o forçavam a ver o programa seguinte para perceber até que ponto as coisas podiam piorar. Alguns dos concorrentes pareciam ter sido escolhidos pela sua agressividade e mau feitio.

O clímax chegaria quando os últimos dois passassem a noite a

caçarem-se um ao outro, usando dispositivos de visão noturna e armas de *paintball*, uma prova baseada no conto *The Most Dangerous Game*<sup>1</sup>. O sobrevivente receberia um milhão de dólares adicional.

Jodie era uma preparadora física de Orange County, na Califórnia. Ficava fabulosa num biquíni, mas as suas curvas eram desperdiçadas nas roupas largas. Tinha cabelo longo e louro e uma inteligência viva que escondera para conseguir participar no programa. Cada concorrente correspondia a um padrão, mas Jodie recusava-se a representar o papel de mulher fútil e estúpida que os produtores lhe tinham destinado.

No último teste para obter pontos ou penalizações, fora-lhe perguntado, a ela e aos outros concorrentes, se o búzio era um peixe, um molusco ou um carro. Como loura estereotipada do programa devia responder que era um carro.

Nunca conseguiria fazer esquecer aquilo quando regressasse à civilização.

Desde o desentendimento do teste, os produtores tinham-na informado de que devia ir-se embora. Deu-lhes a sua oportunidade para se livrarem dela quando lhe entrou uma faúlha para o olho e falhou a caminhada sobre o fogo. Os restantes membros da tribo reuniram-se à volta da fogueira com expressões graves e Sy Paris entoou dramaticamente a ordem para abandonar o clã e encaminhar-se para o Valhalla.

Enquanto se afastava da fogueira, odiou-se por falhar a prova. Mas havia um lado positivo. Depois de apenas algumas semanas com aqueles doidos, estava feliz por deixar a ilha. O cenário era de uma beleza agreste mas fartara-se das intrigas, da manipulação e da mesquinhez generalizada a que um concorrente tinha de se dedicar para conseguir alcançar a honra de ser caçado como um cão raivoso.

Do outro lado do “Portão do Valhalla,” um cais feito de ossos de baleia em plástico, ficava uma grande caravana que servia de alojamento à equipa de produção. Enquanto os membros do clã dormiam em tendas de pele e comiam insetos, a equipa tinha beliches quentes e confortáveis e refeições de nível. Quando um concorrente era expulso do programa, passava a noite na caravana até chegar o helicóptero na manhã seguinte.

— Pouca sorte — disse Andleman, abrindo-lhe a porta. Andleman era uma simpatia, o oposto exato do seu patrão despótico.

— Sim, muito pouca. Duches quentes. Refeições quentes. Telemóveis.

— Temos isso tudo por aqui.

---

<sup>1</sup> *O Jogo Mais Perigoso* da autoria de Richard Connell. (N. do T.)

Jodie olhou em redor, confirmando o conforto das instalações. — Já reparei.

— O teu beliche é aquele — indicou ele. — Podes servir-te do bar e há um patê fabuloso no frigorífico para te ajudar a descomprimir. Tenho de ajudar o Sy. Faz de conta que estás em casa.

— Obrigada. Assim farei.

Foi até ao bar e preparou um *Martini* com *gin*. O patê era tão delicioso como lhe fora dito. Ansiava por voltar a casa. Os concorrentes expulsos eram presença habitual nos *talk-shows* televisivos para se dedicarem à maledicência dos que ficavam para trás. Dinheiro fácil. Jodie esticou-se num sofá confortável. Minutos depois, o álcool fê-la adormecer.

Acordou sobressaltada. Durante o sono, ouvira guinchos agudos semelhantes aos de um bando de aves marinhas ou de crianças no recreio, sobre um fundo de gritos.

*Estranho.*

Levantou-se, foi até à porta e escutou. Questionou-se se Sy teria engendrado mais uma forma de humilhação. Talvez tivesse posto os outros a fazer uma dança selvática à volta do fogo.

Percorreu com ligeireza o caminho de regresso à praia. O ruído subiu de intensidade, tornando-se mais frenético. Alguma coisa estava horrivelmente mal. Eram gritos de dor e de medo e não de excitação. Acelerou o passo e passou pelo Portão do Valhalla. O que viu assemelhava-se a um quadro de Hyeronimus Bosch sobre o Inferno.

Os concorrentes e a equipa eram atacados por criaturas horrendas que pareciam metade humanas e metade animais. Os atacantes ferozes rugiam, faziam cair as vítimas e lançavam-se sobre elas com garras e dentes.

Viu Sy cair. Depois Randy. Reconheceu vários cadáveres caídos na praia, ensanguentados e mutilados.

À luz ondulante do fogo, percebeu que os atacantes tinham cabelo longo e imundo que lhes dava pelos ombros. As caras não se assemelhavam a algo que alguma vez tivesse visto. Máscaras horrendas e retorcidas.

Uma criatura segurava um braço amputado que levava à boca. Jodie não conseguiu evitar um grito... e as outras criaturas interromperam o seu tenebroso festim e fitaram-na com olhos brilhantes de vermelho incandescente.

Quis vomitar, mas aproximavam-se dela, correndo curvados.

Fugiu dali para fora.

O seu primeiro pensamento foi voltar à caravana, mas teve clareza de espírito suficiente para perceber que ficaria aprisionada.

Correu até à elevação rochosa com as criaturas no seu encaço, farejando como cães de caça. A escuridão fê-la tropeçar e cair numa fissura, não percebendo que aquilo lhe salvaria a vida, já que os perseguidores lhe perderiam o rasto.

Feriu a cabeça na queda. Recuperou os sentidos uma primeira vez e pareceu-lhe ouvir vozes iradas e tiros. A seguir, desmaiou novamente.

Na manhã seguinte, quando o helicóptero chegou, continuava inconsciente na fissura. Quando a equipa passou a ilha em revista e a encontrou finalmente, tinham feito uma descoberta preocupante.

Todos os outros haviam desaparecido.

## 2



MONEMVASSÍA, PELOPONESO, GRÉCIA

NO SEU PESADELO RECORRENTE, ANGUS MACLEAN ERA UMA CABRA PRESA a uma estaca, rodeada por um tigre faminto cujos olhos amarelos o fitavam das sombras da selva. Os rugidos baixos tornavam-se mais altos até lhe encherem os ouvidos. A seguir, o tigre saltava. Conseguia cheirar-lhe o hálito fétido, sentir-lhe as presas aguçadas a enterrar-se no seu pescoço. Esticava a corda numa tentativa fútil para fugir. Os seus balidos patéticos transformavam-se num gemido desesperado... e acordava banhado em suores frios, com o peito agitado e os cobertores ensopados pela transpiração.

Cambaleou para fora da sua cama estreita e abriu as cortinas. A luz de um sol grego refletiu-se nas paredes brancas do que fora a cela de um monge. Vestiu calções e uma *t-shirt*, calçou as sandálias e saiu para o exterior, pestanejando diante do mar cor de safira. O bater disparado do coração acalmou.

Inspirou fundo, enchendo os pulmões com a fragrância perfumada das flores silvestres que rodeavam o mosteiro de estuque com dois andares. Esperou até as mãos pararem de tremer e iniciou o passeio matinal que revelara ser o melhor antídoto para os seus nervos estilhaçados.

O mosteiro fora construído à sombra de um rochedo impressionante com centenas de metros de altura, a que os guias turísticos chamavam “Gibraltar grego”. Para alcançar o cume, trepou ao longo de um caminho que seguia ao lado de uma antiga muralha. Séculos atrás, os habitantes da

cidade baixa retiravam-se para os baluartes para se defenderem dos invasores. Restavam apenas ruínas das construções que tinham albergado outrora a população inteira em alturas de cerco.

Do alto da plataforma elevada formada pelos alicerces arruinados de uma velha igreja bizantina, MacLean conseguia ver a uma distância de quilómetros. Alguns barcos de pesca coloridos ocupavam-se da sua faina. Tudo parecia tranquilo. Sabia que aquele ritual matutino lhe dava uma sensação de falsa segurança. As pessoas que o perseguiram não revelariam a sua presença até o matarem.

Passeou pelas ruínas como um espírito perturbado, descendo ao longo da muralha e regressando ao refeitório no segundo andar do mosteiro. O edifício do século xv era uma das construções tradicionais que o governo grego convertera em hospedarias por todo o país. MacLean fazia questão de tomar o pequeno-almoço depois de os restantes hóspedes terem saído para passear.

O jovem que limpava a cozinha sorriu, dizendo: — *Kalimera*, Dr. MacLean.

— *Kalimera*, Angelo — respondeu MacLean, batendo com o indicador na testa. — Esqueceu-se?

Os olhos de Angelo iluminaram-se com a súbita compreensão. — Sim. Lamento muito, Sr. MacLean.

— Não tem importância. Desculpe incomodá-lo com os meus pedidos estranhos — disse MacLean com o seu ligeiro sotaque escocês. — Mas, como lhe disse antes, não quero que as pessoas pensem que consigo curar-lhes as dores de barriga.

— *Nai*. Sim, claro, Sr. MacLean. Compreendo.

Angelo trouxe uma malga de morangos acabados de apanhar, melão e iogurte grego cremoso, tudo coberto com mel local e nozes, bem como uma chávena de café forte. Era o monge jovem que zelava pelo conforto dos hóspedes. Tinha trinta e poucos anos, cabelo escuro encaracolado e uma cara atraente que costumava estar adornada por um sorriso angelical. Era uma combinação de rececionista, encarregado, cozinheiro e gerente. Usava roupas de trabalho e o único indício dos seus votos era a corda atada à volta da cintura.

Os dois homens tornaram-se amigos próximos ao longo das semanas que MacLean ali passara. Todos os dias, depois de Angelo terminar as tarefas relacionadas com o pequeno-almoço, falavam sobre o seu interesse comum, a civilização bizantina.



MacLean dedicara-se à investigação histórica para descontrair do seu trabalho intenso como pesquisador químico. Anos atrás, os seus estudos levaram-no até Mistra, outrora o centro do mundo bizantino. Vagueara pelo Peloponeso e deparara-se com Monemvassía. Uma estreita passagem flanqueada pelo mar era o único acesso à localidade, um labirinto de ruas estreitas e becos do outro lado da muralha cujo “portão único” dera a Monemvassía o seu nome. Deixara-se enfeitiçar por aquele local magnífico. Jurou regressar um dia, nunca pensando que voltaria quando estivesse a fugir para salvar a vida.

O Projeto começou por ser inocente. MacLean ensinava Química Avançada na Universidade de Edimburgo quando lhe ofereceram um trabalho de sonho fazendo o tipo de pesquisa pura que adorava. Aceitou a posição e pediu uma licença. Entregou-se ao trabalho, disposto a suportar as longas horas e secretismo extremo. Liderou uma de inúmeras equipas que trabalhavam com enzimas, as proteínas complexas responsáveis pela produção de reações bioquímicas.

Os cientistas do Projeto ficavam albergados em dormitórios confortáveis na paisagem campestre francesa. Um dos colegas referira-se como piada à pesquisa que faziam como sendo o “Projeto Manhattan”. O isolamento não constituía problema para MacLean, um solteirão sem parentes próximos. Eram poucos os colegas que se queixavam. Os honorários astronómicos e as excelentes condições de trabalho constituíam compensação mais do que suficiente.

Mas o Projeto alterou-se de forma perturbadora. Quando colocaram questões, foi-lhes dito que não se deviam preocupar. Acabaram enviados para casa, instruídos a aguardar enquanto os resultados do seu trabalho eram analisados.

MacLean optara por ir até à Turquia para explorar ruínas. Quando regressou à Escócia, semanas mais tarde, o seu gravador registava várias chamadas desligadas após serem atendidas e uma estranha mensagem de um antigo colega. O cientista perguntava se tinha lido os jornais e instava-o a ligar-lhe. Assim fez, mas, ao tentar contactá-lo, descobriu que tinha morrido dias antes, atropelado por um condutor que se pusera em fuga.

Mais tarde, quando passava em revista a pilha de correspondência acumulada, encontrou um pacote que o cientista lhe enviara antes de morrer. O envelope grosso estava repleto de recortes de jornal que descreviam uma série de mortes acidentais. Lendo os recortes, sentiu um arrepio na espinha. As vítimas eram os cientistas que haviam trabalhado com ele no Projeto.

Numa nota anexa, estava rabiscado um aviso brusco: *Fuja ou morra!*

MacLean quis acreditar que as mortes tinham sido acidentais, apesar de isso ir contra o seu instinto científico, mas, alguns dias após ler os recortes, um camião tentou abalroar o seu *Mini Cooper*. Por milagre, escapou apenas com alguns arranhões mas reconheceu o camionista como sendo um dos guardas silenciosos que vigiava os cientistas enquanto trabalhavam no laboratório.

*Que louco fora.*

Sabia que tinha de fugir. *Mas para onde?* Ocorreu-lhe Monemvassía. Era um destino de férias popular para os gregos continentais. A maioria dos estrangeiros que visitava o rochedo não passava a noite. E ali estava ele.

Enquanto refletia sobre os eventos que o tinham levado até ali, Angelo trouxe-lhe um exemplar do *International Herald Tribune*. O monge tinha tarefas a cumprir, mas voltaria numa hora. MacLean acenou com a cabeça e bebeu um gole de café, saboreando o aroma intenso. Passou os olhos pelas notícias habituais de crises económicas e políticas e deparou-se com um título nas sínteses internacionais que lhe chamou a atenção:

SOBREVIVENTE DIZ QUE CONCORRENTES  
E EQUIPA DE PROGRAMA TELEVISIVO  
FORAM MORTOS POR MONSTROS

Dizia respeito a uma ilha nas Orkney escocesas. Intrigado, leu o resto do artigo. Eram poucos parágrafos, mas, quando chegou ao fim, as mãos tremiam-lhe. Voltou a ler até as palavras começarem a ficar desfocadas.

*Santo Deus, pensou. Aconteceu uma coisa terrível.*

Dobrou o jornal e saiu, deixando-se banhar pelos raios de sol apaziguadores até tomar uma decisão. Voltaria a casa e esperaria que alguém acreditasse na sua história.

Caminhou até ao portão da cidadela e apanhou um táxi para os escritórios da empresa de *ferryboats*, onde comprou um bilhete para o barco que seguiria até Atenas no dia seguinte. A seguir, voltou para o quarto e fez as malas, reunindo os seus poucos pertences. *E agora?* Decidiu manter a rotina habitual durante o último dia, caminhou até um café no exterior e pediu um copo alto de limonada fria. Estava de tal forma absorto pela leitura do jornal que levou algum tempo a perceber que alguém falava com ele.

Ergueu os olhos e viu uma mulher de pé, de cabelo grisalho com calças

e camisola de poliéster estampadas com flores, junto à sua mesa, segurando uma máquina fotográfica.

— Desculpe interromper — disse com um sorriso doce. — Importa-se? O meu marido e eu...

Era frequente os turistas pedirem a MacLean para registrar as suas viagens. Era alto e magro e, com os olhos azuis e o cabelo salpicado de branco, distinguia-se dos gregos mais baixos e escuros.

Havia um homem sentado a uma mesa próxima, esboçando um sorriso de dentes salientes. A cara sardenta estava escarlate do excesso de sol. MacLean aceitou e aceitou a máquina que a mulher estendia. Tirou algumas fotografias ao casal e devolveu-a.

— Muito obrigada — disse a mulher, efusivamente. — Não sabe o que significa termos isto para o nosso álbum de viagens.

— Americanos? — perguntou MacLean. A sua ânsia por falar inglês sobrepôs-se à relutância em meter conversa com alguém. O inglês de Angelo era limitado.

A mulher ficou radiante. — É assim *tão* óbvio? Esforçamo-nos muito para passar despercebidos.

Decididamente, poliéster amarelo e rosa não se enquadrava nos padrões de moda gregos, pensou MacLean. O marido vestia uma camisa de algodão branco sem colarinho e um chapéu de capitão, negro como os que são vendidos maioritariamente aos turistas.

— Viemos no barco — disse o homem com voz arrastada enquanto se erguia da cadeira. Pressionou a palma da mão húmida contra a mão de MacLean. — Foi uma viagem e tanto. Você é inglês?

MacLean respondeu com uma expressão de horror.

— Não, sou escocês.

— Eu sou meio escocês. A outra metade é de água tónica — disse o homem, mantendo o mesmo sorriso cavalariço. — Desculpe a confusão. Sou do Texas. Calculo que seja tão grave como pensar que somos do Oklahoma.

MacLean pensou se haveria algum motivo para todos os texanos que conhecera falarem como se toda a gente tivesse problemas de audição. — Nunca teria pensado que eram do Oklahoma — respondeu MacLean. — Espero que tenham umas boas férias.

Pretendia afastar-se, mas teve de parar quando a mulher perguntou ao marido se lhe podia tirar uma fotografia com ele por ter sido tão simpático. MacLean posou com a mulher e depois com o marido.

— Obrigada — disse a mulher. Falava com um tom mais refinado do

que o marido. Em poucas palavras, MacLean ficou a saber que Gus e Emma Harris eram de Houston, que Gus trabalhara na indústria do petróleo e que ela fora professora de História, estando a viver um sonho antigo de visitar o Berço da Civilização.

Distribuiu apertos de mão, aceitou os seus agradecimentos profundos e percorreu a rua estreita. Caminhava depressa, esperando que não se sentissem tentados a segui-lo, e regressou ao mosteiro.

Fechou as cortinas para que o quarto ficasse escuro e fresco. Dormiu durante a maior parte do calor da tarde, levantou-se e salpicou a cara com água fria. Saiu para apanhar ar e surpreendeu-se ao ver os Harris de pé junto à capela caiada no pátio do mosteiro.

Tiravam fotografias ao edifício. Acenaram e sorriram quando o viram e MacLean aproximou-se e ofereceu-se para lhes mostrar o seu quarto. Ficaram impressionados pela robustez do teto de madeira. De volta ao exterior, contemplaram os penhascos por trás.

— A vista lá do alto deve ser magnífica — disse Emma.

— É difícil chegar até lá.

— Participo em expedições de observação de pássaros na América e, por isso, estou em forma. E o Gus tem mais genica do que parece — explicou com um sorriso. — Costumava jogar futebol americano, apesar de parecer difícil de acreditar agora.

— Na Universidade do Texas — disse o Sr. Harris. — Estou mais pesado, mas posso tentar.

— Acha que nos podia mostrar o caminho? — perguntou Emma.

— Desculpem mas parto amanhã no primeiro barco. — Disse-lhes que podiam subir sozinhos se começassem antes de o sol se tornar demasiado quente.

— É um amor. — Tocou MacLean na face com ternura materna.

Ele deixou-se ficar a sorrir, admirando-lhes a determinação enquanto subiam pelo caminho que ladeava a muralha em frente do mosteiro. Passaram por Angelo que descia da cidade.

O monge cumprimentou MacLean e voltou-se para observar o casal. — Conheceu os americanos do Texas?

O seu sorriso transformou-se numa expressão de perplexidade. — Como os conhece?

— Passaram por cá ontem de manhã. Estava a dar o seu passeio. — Apontou para a cidade velha.

— Engraçado. Comportaram-se como se fosse o seu primeiro dia aqui.

Angelo encolheu os ombros. — Talvez também nos esqueçamos das coisas quando formos velhos.

Subitamente, MacLean sentiu-se como a cabra presa do seu pesadelo. Um vazio gélido instalou-se no seu estômago. Pediu licença e voltou para o quarto, onde encheu um pequeno copo com *ouzo*.

Que fácil teria sido. Subiriam até ao cimo do rochedo e pedir-lhe-iam para posar para uma fotografia junto ao limite da falésia. Bastaria um empurrão.

*Mais um acidente. Mais um cientista morto.*

Sem qualquer trabalho pesado. Nem mesmo para uma doce professora de História anciã.

Procurou no saco de plástico que usava para guardar a roupa suja. Enterrado no fundo estava o envelope com os recortes amarelados de jornal que dispôs sobre a mesa.

Os títulos eram diferentes, mas o tema de cada artigo era idêntico.

CIENTISTA MORRE EM ACIDENTE DE VIAÇÃO.  
CIENTISTA MORTO EM ATROPELAMENTO SEGUIDO  
DE FUGA. CIENTISTA MATA MULHER E SUICIDA-SE.  
CIENTISTA MORRE EM ACIDENTE DE ESQUI.

Cada uma das vítimas trabalhara para o Projeto. Voltou a reler a nota: *Fuja ou morra!* A seguir, colocou o recorte do *Herald Tribune* junto com os outros e foi até à receção do mosteiro. Angelo debatia-se com uma pilha de reservas.

— Preciso de partir — disse-lhe.

Angelo pareceu desolado. — Lamento muito. Quando?

— Esta noite.

— *Impossible*. Não há barco ou autocarro até amanhã.

— Seja como for, tenho de partir e peço-lhe que me ajude. Posso compensá-lo.

Os olhos do monge foram tomados por uma súbita tristeza. — Faria isso por amizade e não por dinheiro.

— Desculpe — disse MacLean. — Estou um pouco perturbado.

Angelo era um homem inteligente.

— É por causa dos americanos?

— Há gente má atrás de mim. Estes americanos foram enviados para me encontrar. Fui estúpido e contei-lhes que partia no barco. Não sei se vieram sozinhos. Podem ter alguém a vigiar o portão.

Angelo acenou com a cabeça. — Posso levá-lo até ao continente de barco. Vai precisar de um carro.

— Esperava que pudesse alugar-me um — explicou MacLean. Passou a Angelo o seu cartão de crédito, que tentara não usar antes, sabendo que poderia ser localizado.

Angelo ligou para a agência de aluguer de automóveis no continente. Falou durante alguns minutos e desligou. — Está tudo tratado. Vão deixar as chaves no carro.

— Angelo, não sei como posso pagar-lhe.

— Nada de pagamento. Dê uma grande esmola da próxima vez que for a uma igreja.

Comeu uma refeição ligeira num café discreto que lhe serviu de jantar e deu consigo novamente a olhar com apreensão para as outras mesas. A noite passou sem ocorrências. No caminho de regresso ao mosteiro, não parava de olhar por cima do ombro.

A espera foi agonizante. Sentia-se encurralado no quarto mas ia recordando que as paredes tinham pelo menos trinta centímetros de espessura e que a porta podia aguentar uma carga de aríete. Poucos minutos após a meia-noite, ouviu uma batida suave na porta.

Angelo pegou-lhe no saco e conduziu-o ao longo da muralha até aos degraus para uma plataforma de pedra usada pelos nadadores para mergulhar. À luz de uma lanterna a pilhas, MacLean conseguia ver um pequeno barco a motor amarrado à plataforma. Entraram. Angelo estendia as mãos para a corda quando se ouviram passos cuidadosos nos degraus.

— Vão fazer um cruzeiro da meia-noite? — perguntou a voz doce de Emma Harris.

— Não te parece que o Dr. MacLean se ia embora sem dizer adeus? — disse o marido.

Após a surpresa inicial, MacLean conseguiu recuperar a fala. — O que aconteceu ao seu sotaque texano, Sr. Harris?

— Ah, *isso*. Confesso que não era muito genuíno.

— Não te preocupes, querido. Foi suficientemente bom para enganar o Dr. MacLean. Apesar de admitir que tivemos sorte na conclusão da nossa tarefa. Estávamos sentados naquele café delicioso quando passou. Foi simpático deixar-nos tirar-lhe uma fotografia para podermos compará-la com a do seu ficheiro. Não gostamos de cometer erros.

O marido não conteve uma gargalhada calorosa. — Lembro-me de dizer: “Faça favor de sorrir...”

— ... disse a aranha à mosca.

Desataram a rir-se.

— Foram enviados pela companhia — disse MacLean.

— São pessoas muito perspicazes — respondeu Gus. — Sabiam que ia estar à espera de alguém que parecesse um gângster.

— É um erro que já muitos cometeram — disse Emma com um toque de tristeza na voz. — Mas mantém-nos ocupados, não é, Gus? Foi ótimo viajar pela Grécia. Mas tudo o que é bom acaba por chegar ao fim.

Angelo ouvira a conversa com uma expressão intrigada. Não compreendia o perigo que corriam. Antes que MacLean pudesse impedi-lo, esticou-se para libertar o barco.

— Desculpem — disse. — Temos de ir.

Seriam as últimas palavras que alguma vez diria.

Ouviu-se o tiro abafado pelo silenciador e uma língua de fogo escarlate iluminou a escuridão. Angelo levou as mãos ao peito e emitiu um som semelhante a um gargarejo. A seguir, caiu do barco para a água.

— Dá azar matar um monge, querida — disse Gus à mulher.

— Não tinha o hábito vestido — replicou ela. — Não tinha maneira de o reconhecer.

As suas vozes eram de troça.

— Vamos, Dr. MacLean — disse Gus. — Temos um carro à espera para o levar até ao avião da companhia.

— Não me vão matar?

— Nada disso — disse Emma, novamente transformada em turista inocente. — Há outros planos para si.

— Não compreendo.

— Mas há de compreender, meu caro. Vai ver que sim.

### 3



#### ALPES FRANCESES

O HELICÓPTERO UTILITÁRIO LIGEIRO *ALOUETTE* DA *AEROSPATIALE* PARECIA insignificante como um mosquito, abrindo caminho entre os profundos vales alpinos contra um cenário de picos majestosos. À medida que se aproximava de uma montanha cujo cume era coroadado por três saliências desiguais, Hank Thurston, sentado no banco dianteiro, tocou no ombro do homem junto a si e apontou para algo do outro lado da cobertura transparente.

— É *Le Dormeur* — disse, erguendo a voz para conseguir ser ouvido com o ruído das pás rotativas. — O Adormecido. Supostamente, o perfil assemelha-se à cara de um homem dormindo de costas.

Thurston era professor catedrático de Glaciologia na Universidade Estadual do Iowa. Apesar de estar na casa dos quarenta, a sua expressão irradiava um entusiasmo juvenil. No Iowa, mantinha a cara barbeada e o cabelo cuidadosamente aparado, mas, após alguns dias de campo, começara a parecer-se com um piloto das imensidões selvagens. Era uma aparência que cultivava, usando óculos de aviador, deixando crescer o cabelo castanho-escuro até se notarem as madeixas grisalhas e barbeando-se com pouca frequência para que o queixo ficasse coberto por uma barba rala.

— Liberdade poética — disse Derek Rawlins, o passageiro. — Consigo ver o sobrolho, o nariz e o queixo. Faz-me lembrar o Velho da Montanha



de New Hampshire antes de se desfazer, só que este perfil de pedra é horizontal e não vertical.

Rawlins escrevia para a revista *Outside*. Estava quase nos trinta anos e, com o seu ar de otimismo honesto e o cabelo louro cuidadosamente cortado, parecia-se mais com um professor universitário do que Thurston.

A clareza cristalina do ar criou uma ilusão de proximidade, fazendo a montanha parecer ao alcance de um braço. Depois de um par de passagens à volta das escarpas, o helicóptero interrompeu o seu círculo, passou por cima de uma fileira de rochedos aguçados como lâminas e mergulhou numa caldeira natural com vários quilómetros de diâmetro. O fundo da bacia montanhosa estava coberto por um lago quase perfeitamente redondo. Apesar de ser verão, flutuavam à superfície espelhada pedaços de gelo tão grandes como *Volkswagens*.

— *Lac du Dormeur* — disse o professor. — Formado pelo recuo de um glaciar durante a Idade do Gelo e agora alimentado por águas glaciares.

— É o maior *Martini* com gelo que já vi — gracejou Rawlins.

Thurston riu-se. — É transparente como o *gin*, mas não vai encontrar nenhuma azeitona no fundo. Aquela grande estrutura quadrada cravada na montanha ao lado do glaciar é a central elétrica. A cidade mais próxima fica do outro lado da cordilheira.

O helicóptero sobrevoou um grande barco ancorado com aspeto robusto. Do convés erguiam-se gruas e guindastes.

— O que se passa lá em baixo? — perguntou Rawlins.

— Algum tipo de projeto arqueológico — explicou Thurston. — O barco deve ter subido o rio que serve de escoadouro ao lago.

— Dou uma vista de olhos mais tarde — disse Rawlins. — Talvez consiga que o meu editor me aumente se voltar com duas histórias pelo preço de uma. — Olhou em frente, vendo uma ampla língua de gelo que preenchia o vão entre duas montanhas. — Uau! Aquele deve ser o nosso glaciar.

— Isso mesmo. *La Langue du Dormeur*. A Língua do Adormecido.

Sobrevoaram o rio de gelo que descia por um vale amplo até ao lago. Sopés de montanha agrestes de rocha negra salpicada de neve ladeavam o glaciar de ambos os lados, moldando-o numa extremidade arredondada. Os limites do gelo eram irregulares nos pontos onde o fluxo encontrava fissuras e ravinas. Tinha uma tonalidade azulada e fraturas à superfície como a língua áspera de um pesquisador de ouro perdido há muito tempo.

Rawlins inclinou-se para ver melhor. — O Adormecido devia ver um médico. A língua parece muito doente.

— Tal como disse, liberdade poética — retorqui Thurston. — Mais um pouco. Estamos prestes a aterrar.

O helicóptero projetou-se para a frente sobre a aresta principal do glaciar e o piloto iniciou uma curva lenta e pronunciada. Momentos mais tarde, os patins pousavam sobre uma superfície de erva castanha a uns sessenta metros do lago.

Thurston ajudou o piloto a descarregar várias caixas e sugeriu que Rawlins esticasse as pernas. O repórter caminhou até junto da água. A quietude do lago era inacreditável. Não havia deslocação de ar que perturbasse a superfície, parecendo suficientemente sólida para que alguém a atravessasse a pé. Lançou uma pedra para se assegurar de que o lago não estava gelado.

O seu olhar passou das pequenas ondas que se alargavam até ao barco ancorado a cerca de quilómetro e meio da margem. Reconheceu de imediato a pintura verde e azul-turquesa do casco. Encontrara embarcações com cores idênticas noutros trabalhos. Mesmo sem a sigla NUMA pintada em grandes letras, sabia que pertencia à Agência Nacional Marinha e Submarina<sup>2</sup>. Questionou-se sobre o que faria um navio da NUMA naquele local remoto tão distante do oceano mais próximo.

Havia ali, decididamente, uma história inesperada, mas teria de esperar. Thurston chamava-o. Um velho *Citroën* de dois cavalos aproximava-se do helicóptero rodeado por uma nuvem de pó. O carro diminuto parou junto à aeronave e um homem que se assemelhava a um *troll* da montanha saiu do lado do condutor como uma criatura emergindo de um ovo disforme. Era baixo e tinha pele escura, com barba negra e cabelo comprido.

Apertou a mão de Thurston com vigor. — É bom voltar a tê-lo conosco, *Monsieur le professeur*. E você deve ser o jornalista, *Monsieur* Rawlins. Eu sou Bernard LeBlanc. Bem-vindo.

— Obrigado, Dr. LeBlanc — disse Rawlins. — Tenho ansiado muito por esta visita. Mal posso esperar para ver o trabalho fabuloso que fazem aqui.

— Então venha daí — replicou LeBlanc, pegando no saco de viagem do repórter. — A *Fifi* espera-nos.

— A *Fifi*? — Rawlins olhou em redor como se esperasse ver uma bailarina de cabaré.

Thurston indicou o *Citroën* com o polegar, de forma irreverente. — *Fifi* é o nome do carro do Bernie.

---

<sup>2</sup> *National Underwater and Marine Agency* no original. (N. do T.)

— E porque não haveria de batizar o meu carro com um nome de mulher? — perguntou LeBlanc, fingindo estar melindrado. — É fiel e trabalhadora. E bonita à sua maneira.

— Eu não tenho nada contra — considerou Rawlins. Seguiu LeBlanc até ao *Citroën* e sentou-se no banco traseiro. As caixas de mantimentos foram presas ao tejadilho. Os outros homens entraram para os bancos da frente e LeBlanc conduziu *Fifi* até ao sopé da montanha que flanqueava o lado direito do glaciar. Quando o carro iniciou a subida de uma estrada de cascalho, o helicóptero levantou voo, ganhou altitude sobre o lago e desapareceu por trás de uma montanha.

— Está familiarizado com o trabalho desenvolvido no nosso observatório subglacial, *Monsieur* Rawlins? — perguntou LeBlanc por cima do ombro.

— Trate-me por Deke. Li a documentação. Sei que têm condições semelhantes às do glaciar de Svartisen na Noruega.

— Correto — intrometeu-se Thurston. — O laboratório de Svartisen fica duzentos metros abaixo do gelo. O nosso aproxima-se dos duzentos e cinquenta. Em ambos os locais, a água que resulta da liquefação do glaciar é conduzida para uma turbina que produz energia hidroelétrica. Quando os engenheiros abriram as condutas de água, fizeram um túnel adicional sob o glaciar para albergar o observatório.

O carro penetrou numa floresta de pinheiros anões. LeBlanc conduzia ao longo do caminho estreito com displicência aparente. As rodas estavam separadas por centímetros de uma queda a pique. À medida que a inclinação aumentava, o motor modesto e esforçado do *Citroën* começava a dar de si.

— Parece que a *Fifi* está a mostrar a idade que tem — disse Thurston.

— É o *coração* que importa — respondeu LeBlanc. Moviam-se a velocidade de caracol quando a estrada chegou ao fim. Saíram do carro e LeBlanc passou a cada um deles um arreio para as costas, colocando também um. Cada arreio foi carregado com uma caixa de mantimentos.

Thurston desculpou-se. — Desculpe, mas temos de o usar como carregador. Trouxemos mantimentos para as três semanas que aqui passaremos, mas gastámos o nosso *fromage* e o nosso *vin* mais depressa do que o planeado e aproveitámos a sua visita para trazer mais coisas.

— Não há problema — disse Rawlins com um sorriso prestável, ajustando o peso com perícia para que não lhe forçasse os ombros. — Costumava transportar mantimentos para cabanas na Montanha Branca em New Hampshire antes de me tornar um operário da escrita.

LeBlanc liderou o caminho por um trajeto que subia ao longo de quase cem metros entre pinheiros mirrados. Acima das copas das árvores, o terreno reduzia-se a extensões lisas de rocha. Uma linha de *spray* de tinta amarela marcava o caminho. Em breve, tornou-se mais íngreme e mais liso onde as rochas tinham sido gastas por milhares de anos de atividade glacial. A água que corria do alto tornava a superfície escorregadia e traiçoeira. De tempos a tempos, atravessavam fissuras repletas de neve parcialmente liquefeita.

O repórter arfava com o cansaço e a altitude. Suspirou de alívio quando pararam finalmente numa plataforma junto a uma parede de rocha negra que subia num ângulo quase vertical. Estavam uns seiscentos metros acima do lago, que brilhava com os raios de sol do meio-dia. O glaciar estava escondido por uma escarpa, mas Rawlins conseguia sentir o frio que irradiava como se alguém tivesse deixado a porta de um frigorífico aberta.

Thurston apontou uma abertura redonda rodeada por cimento na base do penhasco. — Bem-vindo ao Palácio do Gelo.

— Parece um esgoto.

Thurston riu-se e curvou-se, baixando a cabeça ao liderar o caminho por um túnel de metal irregular com cerca de metro e meio de diâmetro. Os outros seguiram-no com passos inseguros provocados pela carga. A passagem terminava após trinta metros, num túnel com iluminação fraca. Nas paredes de rocha metamórfica laranja, brilhantes e húmidas, havia listas negras de minerais mais escuros.

Rawlins olhou em redor, surpreso. — Podiam guiar um camião por esta coisa.

— E sobrava espaço. Tem nove metros de altura e nove de largura — explicou Thurston.

— É pena não ter conseguido espremer a *Fifi* pelo esgoto — disse Rawlins.

— Pensámos nisso. Há uma entrada suficientemente grande para um carro perto da central elétrica, mas o Bernie teve medo que ela se amolgasse nos túneis.

— A *Fifi* tem uma constituição muito delicada — confirmou LeBlanc com um grunhido.

O francês abriu um armário de plástico encostado à parede. Passou aos outros botas de borracha e capacetes de mineiro.

Minutos mais tarde, caminhavam pelo túnel fora, com os passos a ecoarem nas paredes. Durante o caminho, Rawlins estreitou os olhos para a

penumbra fora do alcance da lanterna do capacete. — Não é propriamente a iluminação da Broadway.

— A companhia elétrica instalou a luz quando abriu o túnel. Muitas das lâmpadas fundidas nunca foram substituídas.

— Já lhe devem ter perguntado isto, mas o que o atraiu na glaciologia? — quis saber Rawlins.

— Não é a primeira vez que ouço essa pergunta. As pessoas pensam que os glaciólogos são um pouco estranhos. Estudamos massas de gelo antigas e enormes que se movem com lentidão e levam séculos a chegar a algum lado. Não é trabalho para um homem adulto, não te parece, Bernie?

— Talvez não mas, uma vez, conheci uma rapariga esquimó simpática no Yukon.

— Falaste como um verdadeiro glaciólogo — disse Thurston. — Partilhamos um amor pela beleza e o desejo de passar tempo ao ar livre. Muitos de nós foram seduzidos pela nossa primeira visão inspiradora de um campo de gelo. — Fez um gesto indicando as paredes do túnel. — Por isso, é irónico que passemos semanas de cada vez *debaixo* de um glaciar, longe do sol, como um bando de toupeiras.

— Veja o que isso me fez — acrescentou LeBlanc. — Temperatura constante de dois graus e cem por cento de humidade. Costumava ser alto e louro, mas encolhi e transformei-me neste monstro atroz.

— És um monstro baixote e atroz desde que te conheço — disse Thurston. — Ficamos aqui em baixo durante períodos de três semanas e concordo que nos tornamos algo parecidos com toupeiras. Mas até o Bernie concordará que temos sorte. A maioria dos glaciólogos apenas observa campos de gelo de cima. Nós podemos fazer-lhe cócegas na barriga.

— Qual é a natureza precisa das vossas experiências? — perguntou Rawlins.

— Estamos a levar a cabo um estudo de três anos sobre o movimento dos glaciares e sobre o que fazem à rocha sobre a qual deslizam. Espero que consiga fazer isso parecer mais emocionante quando escrever o artigo.

— Não será muito difícil. Com o interesse geral no aquecimento global, a glaciologia transformou-se num tema quente.

— Foi o que ouvi dizer. O reconhecimento é devido há muito. Os glaciares são afetados pelo clima, por isso podem dizer-nos com uma margem de erro pequena qual a temperatura na Terra há milhares de anos. Além disso, despoletam alterações climáticas. Ah, cá estamos nós. No *Club Dormeur*.

Quatro pequenos edifícios semelhantes a caravanas estavam colocados traseira com traseira numa concavidade escavada na parede.

Thurston abriu a porta da estrutura mais próxima. — Todos os confortos do lar — disse. — Quatro quartos com espaço para oito pesquisadores, cozinha, casa de banho com chuveiro. Normalmente, temos um geólogo e outros cientistas, mas estamos limitados a uma equipa básica formada pelo Bernie, por um pesquisador jovem da Universidade de Uppsala e por mim. Pode deixar os mantimentos aqui. Estamos a cerca de trinta minutos a pé do laboratório. Temos ligações telefónicas entre a entrada, o túnel de pesquisa e o laboratório. É melhor avisar o pessoal do observatório de que voltámos.

Pegou num telefone colocado na parede e disse algumas palavras. O seu sorriso transformou-se numa expressão consternada.

— O quê? — Ouviu com atenção. — Está bem. Vamos já para aí.

— Passa-se alguma coisa, professor? — perguntou LeBlanc.

A testa de Thurston cobriu-se de rugas. — Acabo de falar com o meu assistente de pesquisa. Incrível!

— *Qu'est-ce que c'est?* — perguntou LeBlanc.

Thurston parecia atordoado. — Disse que encontrou um homem preso no gelo.